

O moderno em perspectiva: a trajetória de Arnaldo Maia Lello para a arquitetura paulistana

The Modern in perspective: Arnaldo Maia Lello's contribution to São Paulo architecture

Aline Passos Scatalon*

*Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil, alinescatalon@gmail.com

usjt
arq.urb

número 41 | abr - dez de 2026
Recebido: 04/09/2024
Aceito: 14/04/2026
DOI: [10.37916/arq.urb.vi41.762](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi41.762)



Palavras-chave:

Arquitetura moderna.
Historiografia.
São Paulo.

Keywords:

Modern architecture.
Historiography.
São Paulo.

Resumo

No processo de modernização e as transformações urbanas e culturais do início do século XX, arquitetos, engenheiros e demais profissionais da cidade contribuíram para a produção de uma urbe em novos moldes. A firma construtora de Arnaldo Maia Lello foi responsável por diversos projetos entre as décadas de 1920 e 1950, com destaque para exemplares do art-déco de edifícios residenciais e de escritórios de alto padrão. Assim, o objetivo deste artigo é desvelar parte da trajetória dos profissionais da construtora de Lello, a partir de levantamento documental em fontes primárias, como publicações em periódicos que registraram essa produção da arquitetura paulistana da primeira metade do século XX. A perspectiva de sua inclusão na historiografia da arquitetura moderna paulistana retrata um fragmento dessa história no período que a cidade buscava traduzir uma imagem de modernidade. Ao jogar luz em personagens e obras relegados ao cone de sombra da historiografia canônica, identifica-se novas facetas da história da arquitetura e da cidade. Isso nos aproxima do entendimento de que a arquitetura moderna não se circunscreve aos exemplares canônicos da historiografia, alinhados à vanguarda, mas sim exige uma abordagem ampliada e menos linear, com a diversificação de fontes e objetos.

Abstract

During the modernization process and the urban and cultural transformations of the early 20th century, architects, engineers, and other professionals played a key role in shaping the city. Arnaldo Maia Lello's construction firm was responsible for numerous projects between the 1920s and 1950s, particularly notable for high-end Art Deco residential and office buildings. This article aims to trace the trajectory of the professionals involved with Lello's firm, based on a documentary survey of primary sources, such as periodical publications that documented São Paulo's architectural production in the first half of the 20th century. The study contributes to the historiography of modern São Paulo architecture by highlighting a fragment of history during a period when the city sought to project an image of modernity. By bringing attention to figures and works often overshadowed in canonical historiography, this research uncovers new facets of architectural and urban history. It underscores the need for a broader, less linear understanding of modern architecture, extending beyond the canonical examples aligned with the avant-garde to include a diversification of sources and objects.

Introdução

Quem constrói as historiografias? A resposta para essa questão envolve as contribuições dos autores responsáveis por escrever a história. Veyne (2008, p. 42) aborda a história como romance real ou um drama, surgido de uma intriga, onde as “tramas” são formadas pelo caminho escolhido pelo historiador, ressaltando um aspecto mais humano e menos científico do fazer histórico. A possibilidade de diferentes destinações alcançadas por meio de tais caminhos traçados pelo historiador, ressalta a vantagem da palavra “trama” para a história.

A trama pode se apresentar como um corte transversal dos diferentes ritmos temporais, como uma análise espectral: ela será sempre uma trama porque será humana, porque não será um fragmento de determinismo. [...] Quais são, pois, os fatos dignos de suscitar a atenção do historiador? Tudo depende da trama escolhida, um fato não é nem interessante, nem o deixa de ser (Veyne, 2008, p. 43).

Essa perspectiva associa a construção do campo da história à adoção de um ponto de vista particular do autor, ligado com a sua ideologia (Lepetit, 2001). Por sua vez, a ideia de “história problema”, conforme tratada por Aguirre Rojas (2004), em sua saga da *École des Annales*, traz à baila a questão dos traços dos construtores da história, colocando em xeque a neutralidade absoluta dos historiadores.

No Brasil, a arquitetura moderna e sua historiografia, cuja narrativa encontra momentos fundadores em exposições como *Brazil Builds* e *Modern Architecture in Brazil* e seus respectivos catálogos (Goodwin, 1943; Mindlin, 1956), acontecem sob a ótica da formação da nação.

Como se sabe, um país dependente e de capitalismo periférico, o moderno é uma obsessão nacional, entendido via de regra como esforço de atualização, sendo o metro da evolução das sociedades centrais. Modernizar-se – dos hábitos de consumo até os sentimentos estéticos – era condição de formação nacional, redenção do passado colonial (Arantes, 2014, p. 30).

A consolidação do relato canônico do movimento moderno brasileiro em arquitetura acontece na década de 1930, quando o Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, “supõe um divisor de águas porque fecha um período de intensa experimentação vanguardista” (Gorelik, 2005, p. 181). Existia uma visão de que a arquitetura moderna de vanguarda devia superar os resquícios do arcaico, alinhando-se à

hegemonia e consolidação do de um “modo canônico capaz de acolher e homogeneizar qualquer outro tipo de busca” (Gorelik, 2005, p. 161).

No início do século XX, São Paulo vivenciou um crescimento urbano acelerado, impulsionado pela industrialização. A especulação imobiliária marcou a verticalização do centro de uma São Paulo que ansiava por uma imagem de metrópole moderna, com arranha-céus simbolizando a evolução tecnológica. Entre as décadas de 1920 e 1940, a cidade passou por transformações arquitetônicas e urbanas significativas, repercutindo velhas e novas expressões arquitetônicas, em que coexistiam resquícios do ecletismo, o art déco e o modernismo de vanguarda.

Toledo (2004, p. 67) caracteriza São Paulo como um “palimpsesto”, por entender o processo de reconstrução da cidade no século XX como “um imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber outra nova, de qualidade literária inferior, no geral”. Esta visão converge com a de Lepetit (2001), de que a evolução da história não é linear ou positiva, em oposição à concepção moderna, que via a história como um processo progressivo e evolutivo – “a época moderna passou a ver a mudança como algo positivo, a buscar o novo” (Arantes, 2014, p. 39) –, tão bem perceptível em sua associação com os movimentos artísticos de vanguarda, conforme Habermas (1987, p. 118), para quem “só ela [arquitetura moderna] brotou do espírito das vanguardas. Lefebvre (1969, p. 05) caracteriza o modernismo como “primeira tendência – certeza e arrogância”, “conceito em via de formulação na sociedade”, sem reflexão ou autocrítica, enquanto Zevi (1954, p. 25) alerta para o esvaziamento do conceito de moderno como a busca pelo novo, por sofrer constante envelhecimento: “[o] que era moderno ontem é hoje obsoleto”.

A narrativa canônica destaca a atuação de alguns profissionais, que protagonizaram a assimilação das manifestações arquitetônicas de vanguarda, renovando valores e princípios arquitetônicos. Os condicionantes locais de florescimento da arquitetura moderna brasileira, inserida em uma sociedade oligárquica e rural, levaram à “escolha de Le Corbusier como grande mestre” (Nascimento, 2016, p. 17), embasada em princípios eminentemente plásticos.

No entanto, no lugar de uma narrativa que contrapõe o moderno ao eclético, a vanguarda ao atraso, tem-se diferentes manifestações arquitetônicas modernas que coexistiram em diferentes escalas e contextos da cidade, e que, refletindo as trajetórias individuais dos profissionais envolvidos na construção da cidade, permite uma

aproximação à arquitetura enquanto uma das formas de expressão cultural de uma sociedade, como processo histórico e social, na conjuntura global da “modernização conservadora” (Schwartzman; Bomeny; Costa, 1984). Assim, é importante retomar trajetórias de tais obras e profissionais relevantes para a produção da cidade paulistana que foram relegadas a “um cone de sombra na historiografia canônica” (Gorelik, 2005, p. 108).

Para isso, este artigo examina, a partir de pesquisa documental em fontes primárias, a inserção urbanística da produção de Lello em São Paulo, especialmente no centro novo, na construção da arquitetura moderna paulistana da primeira metade do século XX. Ao fugir dos cânones modernistas, revisitamos a história e revisamos a historiografia da arquitetura moderna paulistana.

Sociedade Anônima Construtora Arnaldo Maia Lello

Arnaldo Maia Lello (1904 – 1974), sem formação acadêmica conhecida, foi licenciado como arquiteto pela Prefeitura Municipal de São Paulo, que exigia provas de competências práticas aos solicitantes que não haviam passado pelas escolas de ensino superior, com concessões para construtores não-diplomados válidas entre 1926 e 1961 (Pareto Jr, 2016) – mesmo após a regulamentação das profissões de arquiteto e de engenheiro, em 1933¹. Profissionais nesta condição foram marginalizados na história da arquitetura, sendo considerados como de menor importância (Pareto Jr., 2016). Os projetos de Lello tinham os primos Wilson Maia Fina e Lamartine Maia Rosa, que possuíam formação acadêmica como arquitetos, como responsáveis técnicos.

Iniciou sua atuação empresarial com a “Sociedade Arnaldo Maia Lello Ltda” e logo fundou mais duas empresas construtoras com natureza jurídica capitalizada em ações. A “Sociedade Anônima Construtora Arnaldo Maia Lello” (Figura 1), com sede na rua São Bento, 290, foi registrada em 1942 com os sócios acionistas Arnaldo Maia Lello (acionista majoritário e diretor-presidente), Wilson Maia Fina, Lamartine Maia Rosa, Aurelio Marazzi, Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, Bruno Simões Magro e Mariano Neves². A “Comercial e Administradora Santa Rita S.A”, com sede na avenida São Luís, 112, foi registrada em 1950 com os sócios acionistas Alvaro Maia Lello (acionista majoritário), Arlindo, Armando e Arnaldo Maia Lello, Wilson Maia Fina, Lamartine Maia Rosa e Paulo Sampaio³. A maioria das obras de Lello foi realizada pela Sociedade Anônima Construtora Arnaldo Maia Lello, que tinha acionistas além do núcleo restrito da família. A construtora Santa Rita, mais familiar, limitou-se ao Edifício Vilma Sônia, sede da firma e declarado como o principal capital da empresa na cisão da sociedade em 1977⁴.

As relações profissionais, sociais e políticas dos membros da construtora possivelmente contribuíram para a obtenção de obras. Arnaldo Maia Lello era influente no meio social paulista, com recorrentes menções em colunas sociais de jornais, mencionando suas viagens ao exterior, presença em celebrações e clubes de negócios, e conexão com políticos⁵. Arlindo Maia Lello foi vice-presidente do Banco do Estado de São Paulo (Banespa) e deputado federal por São Paulo em 1954. Wilson Maia Fina, arquiteto formado pela Escola de Belas Artes, foi membro da Secretaria de Obras da Prefeitura de São Paulo e teve cargos na diretoria do Departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP) - como

¹Em 1936, o Departamento de Obras e Serviços Municipais da Prefeitura de São Paulo averbou a carteira profissional nº 971 expedida pelo CREA em nome de Arnaldo Maia Lello (antigo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agrimensura). Cf.: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Averbação. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 26, n. 93, 28 abr. 1936, p. 18.

²A escritura de constituição da empresa foi publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo. Cf.: SOCIEDADE ANÔNIMA CONSTRUTORA ARNALDO MAIA LELLO. Escritura de constituição da Sociedade Anônima Construtora Maia Lello. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, v. 52, n. 266, 27 nov. 1942, p. 35.

³Cf.: COMERCIAL E ADMINISTRADORA SANTA RITA S/A. Escritura de constituição da Sociedade Anônima Comercial e Administradora Santa Rita S.A. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Poder Executivo, v. 60, n. 239, 22 out. 1950, p. 52-53.

⁴Cf.: COMERCIAL E ADMINISTRADORA SANTA RITA S/A. Escritura pública de cisão parcial da Comercial e Administradora Santa Rita S/A., e sua transformação em sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Caderno Ineditoriais, v. 87, n. 234, 19 dez. 1977, p. 41-42.

⁵Como exemplo disso, Arnaldo Maia Lello, dentre outras personalidades, foi recebido pelo então governador do estado, Lucas Nogueira Garcez, no “Palácio dos Campos Elíseos”, de acordo com a reportagem “O dia de ontem nos Campos Elíseos”, publicada pelo “O Jornal de Notícias”, na edição 1591 de 04/07/1951.

tesoureiro durante a gestão de Rino Levi (1953-54) (Acrópole, 1953) e conselheiro fiscal entre 1964-65.



Figura 1. Os irmãos Maia Lello – Álvaro, Arnaldo, Arlindo e Armando – em frente à placa da construtora, na década de 1950. Fonte: Acervo da Casa da Memória Italiana.

A Sociedade Anônima Construtora Arnaldo Maia Lello foi uma das principais firmas construtoras em São Paulo entre as décadas de 1930 e 1950, com considerável reconhecimento popular⁶. Em 1945, a revista "Ilustração Brasileira"⁷, em artigo que relacionava a modernização de São Paulo "à capacidade de seus construtores e arquitetos", incluiu Lello no grupo de profissionais como Gregori Warchavchick, Rino Levi e Jaques Pillon, indicando-os como responsáveis pela renovação promovida por meio de "edifícios não só imponentes, como concebidos dentro dos preceitos mais modernos de arte e da técnica" (Cavalcanti, 1945, p. 94). De fato, a intensa produção de obras da construtora entre as décadas de 1930 e 1950 no centro de São Paulo é mencionada em diversos trabalhos que abordam a produção arquitetônica paulistana⁸, ainda que marginalmente.

Desta produção, oito obras foram publicadas na revista Acrópole (1938-1971), importante periódico de arquitetura paulistano: Parque Residencial Savoia (1940) (Figura 2); Prédio Avanhandava (1940); Edifício Marília (1941); Edifício Brasiliana (1941); Edifício Anchieta (1941); Edifício Elza (1943); Edifício Novo Mundo (1945); e os Condomínios Santa Virgília; Santa Rita e São Tomaz (1950) (Acrópole, 1940a; 1940b; 1941a; 1941b; 1941c; 1943; 1945; 1950).

⁶Entre 1949 e 1954, a Sociedade Anônima Construtora Arnaldo Maia Lello foi apontada diversas vezes em enquetes de consulta à opinião pública como: a "empresa construtora que [mais] goza de merecido prestígio" (no Jornal de Notícias, em 1949), "a firma construtora que mais tem contribuído para o progresso urbanístico do Estado" (no Diário da Noite, em 1950 e 1952); e melhor "construtora de prédios particulares" (no Diário da Noite, em 1954).

⁷A "Ilustração Brasileira" foi uma revista impressa "no Rio de Janeiro entre 1909 e 1959 pertencente à Sociedade Anônima "O Malho", premiada internacionalmente, com abordagem relacionada a assuntos diversos.

⁸Campos (1996) aponta que a construtora de Lello compunha o grupo de arquitetos, engenheiros e construtores do *art-déco* paulistano entre a década de 1920 e 1940, com 4 projetos no inventário do autor; Pinheiro (1997) aponta a construtora de Lello como uma das principais firmas no panorama arquitetônico paulistano levantado entre 1938 e 1945; e Lefèvre (1999), que trata da evolução histórica da área central de São Paulo, o que compreendeu a leitura das construções que integraram a verticalização dessa região na primeira metade do século XX, expôs dois projetos de edifícios promovidos pela construtora de Lello.

O moderno em perspectiva: a trajetória de Arnaldo Maia Lello para a arquitetura paulistana

A produção arquitetônica em São Paulo entre 1930 e 1940 compreendeu propostas de diversos arquitetos, com formas que destacavam a diferenciação estética conforme a destinação do imóvel, com "adoção de estilos ornamentados para a arquitetura residencial e de estilos econômicos para outras tipologias" (Pinheiro, 1997, p. 268). Essa postura de se identificar visualmente os edifícios conforme sua tipologia constitui a chamada "arte de fachada" (Pinheiro, 1997). Tal abordagem constituía uma das manifestações da modernidade vigentes, lida por Pinheiro (1997) como "apenas modernizada", categoria que incluiria a maioria dos profissionais atuantes em São Paulo naquele período, e que estariam alheios à problemática da assimilação do moderno, não questionando a adoção de estilos e as reminiscências aristocráticas típicas do academismo.

A arquitetura promovida por Lello, assim como outros profissionais com produção imobiliária corrente e comercial, foi posta à margem por leituras que a associavam à manifestação apoteótica e exclusiva da produção capitalista da cidade, alheia à agenda social que a visão utópica da arquitetura moderna idealizava.

De fato, a construtora investia em propaganda para comercializar seus empreendimentos, dentro de um enfoque de mercado. A peça publicitária do conjunto de três prédios de uso misto projetado pela construtora de Lello em 1944 para o condomínio São Thomaz, Santa Virgília e Santa Rita destaca sua inserção urbana privilegiada. Localizado na esquina da rua São Luís com a avenida Ipiranga, teve projeto sob a responsabilidade técnica de Wilson Maia Fina aprovado pela Prefeitura Municipal, aproveitando grande parte das exceções urbanísticas previstas pelo Código de Obras Arthur Saboya (Lei nº 3427, de 19 de novembro de 1929), como aumento de altura mediante recuos escalonados e ausência de recuo lateral entre os edifícios (Lefèvre, 2000). Além disso, a frente para a Praça da República tem ocupação acima do limite do lote (Lefèvre, 2000). Concluído em 1949, foi o maior empreendimento da construtora de Lello, e introduziu elementos arquitetônicos para "atrair o gosto conservador do seu público-alvo", como o templete eclético que coroava o Edifício São Thomaz, que não foi construído (Lefèvre, 2000, p. 282).



Figura 4. Edifícios Anchieta (1941) e Novo Mundo (1945), de uso para salas de escritório, projetados por Arnaldo Maia Lello. Fonte: Acrópole (1941a, p.78-79; 1945, p. 98-99).

O moderno em perspectiva: a trajetória de Arnaldo Maia Lello para a arquitetura paulistana

Além dos edifícios de alto padrão, a construtora também executava e projetava habitações populares, como o conjunto habitacional da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Sorocabana, na Barra Funda (Figura 6), que fundamentou sua divulgação como “especialistas em construção de casas populares” (Acrópole, 1939, p. 41)¹⁰.

O terreno entre as ruas Buzílio de Gama, São Luiz e Avenida Ipiranga — todo vão ser construído os edifícios “São Thomaz”, “Santa Virgínia” e “Santa Rita”, em situação muito mais residencial, muito central e ao mesmo tempo familiar e sossegada. É uma localização privilegiada para a construção de edifícios de apartamentos arrendatícios, com fim habitação, que ofereçam o mesmo conforto de uma residência térrea isolada. Distribuído apenas duas quadras de rua Buzílio de Gama e Avenida Ipiranga, fica no coração de cidade, na sua mais bela e moderna avenida. Oportunidade excepcional para aquisição de um confortável apartamento no melhor ponto da cidade.

— Avenida Ipiranga esquina de São Luiz, nos edifícios Santa Virgínia e Santa Rita. Faltam a praga de incorporação com facilidade de pagamento a longo prazo.

INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE S. A. CONSTRUTORA ARNALDO MAIA LELLO
São Bento 290 - fone 2-0224 São Paulo

INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE S. A. CONSTRUTORA ARNALDO MAIA LELLO
Rua São Bento, 290 - fone 2-0224 - São Paulo

TODO O CONFORTO DE UM BAIRRO RESIDENCIAL no coração da cidade!

Uma das grandes conveniências de morar em apartamentos centrais é a de facilitar o transporte de coisas e pessoas nos dias de hoje. E, se fosse apartamentos ruínas, tudo o contrário e tem estado de uma residência isolada, eles passam a ser o ideal para moradia. Os edifícios “Santa Virgínia” e “Santa Rita” têm as vantagens mais privilegiadas — central e sossegada, na esquina das ruas São Luiz, Buzílio de Gama e Avenida Ipiranga — e nos apartamentos oferecem todo esse conforto e bem estar. A facilidade de pagamento a longo prazo proporciona um comodidade de apartamentos uma forma vantajosa de capitalização. Aproveite esta oportunidade única para adquirir o seu apartamento nos períodos de facilidade de pagamento, a preço de incorporação.

Figura 5. Material publicitário da Construtora Arnaldo Maia Lello, apresentando os edifícios São Thomaz, Santa Virgínia e Santa. Fonte: O Estado de São Paulo (1944, p. 7) e Jornal Correio Paulistano (1944, p. 5).

As propagandas em jornais de grande circulação promoviam o status de morar em apartamentos modernos no centro de São Paulo, destacando as comodidades da localização central, sem perder o conforto de uma residência isolada no lote (Figura 6) – ou seja, enfatizando o aspecto de privacidade ou não promiscuidade das unidades imobiliárias. O marketing promovia a assimilação e identificação com o novo modo de habitar, em edifícios verticalizados no centro, em uma cidade e estilo de vida modernizados.

RESIDENCIAS ECONOMICAS
construidas para a
CAIXA DE APOSENTADORIA E PENSÕES DOS FERROVIARIOS DA SOROCABANA
BARRA FUNDA ● SÃO PAULO

SOC. ARNALDO MAIA LELLO, LTDA.
ARCHITECTOS - CONSTRUCTORES
RUA SÃO BENTO 290 - TELEPHONE 2-1867 - SÃO PAULO

ESPECIALISTAS EM CONSTRUÇÃO DE CASAS POPULARES

Figura 6. Conjunto habitacional do IAPF-Sorocabana na Barra Funda, em São Paulo. Fonte: Acrópole (1939, p. 41).

¹⁰ Nessa propaganda, é apresentado o conjunto da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Sorocabana, com projeto de Oscar Americano Filho e execução da Construtora Lello. A

O moderno em perspectiva: a trajetória de Arnaldo Maia Lello para a arquitetura paulistana do edifício, o CONPRESP destacou seu papel como marco referencial da região do Largo do Arouche e exemplar característico do art-déco¹⁵.

A construtora de Lello angariou diversos projetos contratados por órgãos públicos que atuavam na promoção habitacional - como os conjuntos do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo (IPESP), que inclui um núcleo residencial de 63 casas em Pinheiros (1949), e um conjunto de 126 apartamento no Catumbi, projetado em 1953¹¹. Tais instituições também contrataram a construtora para projetar suas sedes, sendo o caso da sede do IPESP a sede do Instituto dos Comerciantes (IAPC)¹² (Figura 7), ambos inaugurados em 1950.

Algumas obras de Lello têm sido tombadas como patrimônio histórico arquitetônico, o que confere reconhecimento à sua arquitetura, já que “desde os anos 1940, concomitante à afirmação da arquitetura e do urbanismo modernos entre nós, o ato jurídico do tombamento foi utilizado como consagração das obras tidas como especiais pela narrativa da historiografia” (Nascimento, 2016, p. 14).

O Parque Residencial Savoia (1939), tombado em nível estadual pelo Conselho da Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) em 2012, é um conjunto de sobrados destacado como “um exemplar de programa de vila residencial voltado para a classe média da década de 1930, com qualificado tratamento arquitetônico eclético de modenatura florentina”¹³.

O Edifício Santa Elisa (1936), tombado pelo Conselho Municipal De Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP)¹⁴ (Figura 8), apresentava uso misto, composto por 77 apartamentos residenciais com lojas de comércio no térreo. Os edifícios de uso misto e de escritórios foram as tipologias com maior número de exemplares do art-déco paulistano (Campos, 2003). Campos (2003, p. 49) destaca que essas tipologias marcam “novos referenciais urbanos”, que se transformaram “na marca registrada da arquitetura produzida na São Paulo dos anos de 1930”. No parecer de aprovação do tombamento

¹¹Além da previdência, a produção habitacional do IPESP foi uma atividade significativa do órgão. Cf. “suprimido para preservar a identidade do autor”.

¹²O edifício-sede do IAPC tem autoria de projeto conferida ao arquiteto Jaime Fonseca Rodrigues. Cf.: EDIFÍCIO Sede do Instituto dos Comerciantes. *Acrópole*, São Paulo, ano XIII, n. 151, p. 212, nov. 1950. Mensal. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/151/50>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

¹³A Resolução SC nº 96 de 18/10/2012 foi publicada 26 de outubro de 2012 no Diário Oficial do Estado de São Paulo (pág. 42 do Poder Executivo - Seção I – São Paulo), com processo de



Figura 7. Edifício da sede do Instituto dos Comerciantes, projeto de Jaime Fonseca Rodrigues e execução da construtora de Arnaldo Maia Lello. Fonte: *Acrópole* (1950, p. 210).

tombamento (nº 32225) iniciado em 1994. Cf. Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Resolução SC nº 96, de 18-10-2012. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Poder Executivo, v. 122, n. 203, 26 out. 2012, p. 42.

¹⁴A Resolução nº 02/CONPRESP/2020 foi publicada em 28/02/2020 no Diário Oficial Cidade de São Paulo. Cf. CONPRESP. Resolução nº 02/CONPRESP/2020. *Diário Oficial Cidade de São Paulo*, v. 65, n. 39, 28 fev. 2020, p. 12-13.

¹⁵Cf.: CONPRESP. Ata da 708ª reunião ordinária do CONPRESP. *Diário Oficial Cidade de São Paulo*, v. 65, n. 34, 19 fev. 2020, p. 13-15.



Figura 8. O Largo do Arouche (São Paulo-SP), na década de 1930, com o edifício Santa Elisa de Arnaldo Maia Lello em primeiro plano, na esquina. Representado em cartão postal da editora Foto Postal Colombo. Disponível em: <https://arquivo.arq.br/projetos/edificio-santa-elisa#&qid=1&pid=2>. Acesso em 04 set. 2024.



Figura 9. Cine São Bento, projetado por Arnaldo Maia Lello e inaugurado na rua São Bento (São Paulo), em 1927. Fonte: Acervo da Fundação Bunge.

Ainda em São Paulo, o Cine São Bento, projetado por Lello em 1927 na rua São Bento, 241, possui proteção do tipo área envoltória pelo CONDEPHAAT, por integrar o conjunto que inclui a Residência de Elias Pacheco (Figura 9)¹⁶. O cinema, idealizado pela Bunge, foi o exibidor oficial dos filmes da Paramount até 1929, quando foi inaugurado o antigo Cine Paramount, projetado por Ramos de Azevedo na av. Brigadeiro Luís Antônio. Encerrou suas atividades em 1950 e, atualmente, apenas a parte superior da fachada permanece preservada, sendo ocupado por três lojas comerciais.

Uma das primeiras obras de Lello, no interior de São Paulo, tem previsão de um pedido de tombamento no CONDEPHAAT a partir de um dossiê elaborado em 2021

¹⁶ Sua arquitetura original estampa a capa do livro “Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930)”, do historiador José Inácio Souza. Cf. SOUZA, José Inácio de Melo. *Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930): o cinema dos engenheiros*. São Paulo: Senac, 2016.

com recursos do Programa de Ação Cultural São Paulo (PROAC) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo (Vichniewski, 2021). O palacete, que abriga atualmente o Instituto Museu “Casa da Memória Italiana” em Ribeirão Preto (Figura 10), tem arquitetura eclética com elementos plásticos neocoloniais. O dossiê de tombamento destaca a “influência do profissional ‘de fora’” (Vichniewski, 2021, p. 105) responsável pelo projeto, que teria repercutido no panorama urbano local, além de que o “projecto de um Bungalow”, como intitulado por Lello, atribui “uma imagem de status, de uma residência moderna da elite burguesa” (Vichniewski, 2021, p. 110). Essa obra demonstra que a atuação de Lello não se restringiu à capital paulista, embora tenha prevalecido em São Paulo.



Figura 10. Edifício que abriga “A Casa da Memória Italiana”, em Ribeirão Preto (São Paulo), projetado em 1923 por Arnaldo Maia Lello. Fonte: Vichniewski (2021).

Essas obras de Lello da década de 1920 marcam o início de sua contribuição à arquitetura paulista, cujo marco final pode ser considerado a dissolução e liquidação da Sociedade Anônima Construtora Arnaldo Maia Lello, decretada em 1968¹⁷.

¹⁷Cf.: SOCIEDADE ANÔNIMA CONSTRUTORA ARNALDO MAIA LELLO. Assembleia Geral Extraordinária. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, v. 78, n. 30, 14 fev, 1968, p. 23.

Algumas considerações finais

Mesmo sendo uma das principais firmas construtoras atuantes em São Paulo, responsável por significativa produção arquitetônica e edílica no centro da cidade durante o período de modernização, a Sociedade Anônima Construtora Arnaldo Maia Lello, suas obras e profissionais ficaram alheios à historiografia da arquitetura moderna paulistana, “restrita aos valores da história da arquitetura canônica e ao entendimento dos bens culturais como monumentais e excepcionais” (Nascimento, 2016, p. 440), ou foram tardia e marginalmente nela inseridos.

Isso fez com que “prevalecessem na seleção de bens históricos, artísticos ou culturais os cânones técnicos construídos pelos arquitetos” (Nascimento, 2016, p. 21), reforçando o caráter autoral de profissionais renomados por essa mesma historiografia. Aceitando a proposta de Gorelik (2005) de escapar dos cânones modernistas, é importante revisar essa historiografia, diversificando fontes e objetos, para revelar personagens e obras obscurecidas, que nos apresentam novas facetas da história da arquitetura e urbanismo.

Esse encobrimento pôde ser verificado nas obras da construtora de Arnaldo Maia Lello. A estética de seus edifícios, com características do art-déco, não apresentava as inovações estilísticas associadas à vanguarda. A revisão dessa produção tenta fugir da armadilha de uma hagiografia, apresentando a importância desses atores, com suas relações políticas e sociais, retomando assim, parte da história urbana de São Paulo.

O alinhamento dessa produção ao mercado imobiliário fez com que suas obras ficassem soterradas pelas críticas tecidas pela pretensa agenda social da “experiência do modernismo brasileiro em sua versão canônica” (Gorelik, 2005, p. 160), que por sua vez somente escamoteia a sua inserção nas dinâmicas da produção capitalista da cidade.

Referências

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Uma história dos Annales (1921-2001)**. Tradução de Jurandir Malerba. Maringá: Eduem, 2004, 183p.

O moderno em perspectiva: a trajetória de Arnaldo Maia Lello para a arquitetura paulistana

JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das cidades**. Tradução: Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LEFÈVRE, José Eduardo de Assis. **Entre o discurso e a realidade**: a quem interessa o centro de São Paulo? A avenida São Luiz e sua evolução. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MINDLIN, Henrique. **Modern Architecture in Brazil**. Rio de Janeiro/Amsterdam, Colibris, 1956.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. **Blocos de memórias**: habitação social, arquitetura moderna e patrimônio cultural. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2016.

NOVA Diretoria do Instituto de Arquitetos do Brasil (Departamento de São Paulo). **Acrópole**, São Paulo, ano XV, n. 178, fev. 1953. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/178/4>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PARETO JÚNIOR, Lindener. **Pândegos, rábulas, gamelas**: os construtores não diplomados entre a engenharia e a arquitetura (1890-1960). 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PARQUE Residencial “Savoia”. **Acrópole**. São Paulo, ano II, n. 23, p. 14-17, mar. 1940b. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/23>. Acesso em: 26 abr. 2024.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Modernizada ou moderna?** A arquitetura em São Paulo, 1938-45. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de linha**: e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2014.

CAVALCANTI, Lauro. **As preocupações do belo**. Arquitetura moderna brasileira dos anos 30/40. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1995.

CAMPOS, Vitor José Baptista. **O art-déco na arquitetura paulistana**: uma outra face do moderno. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - FAUUSP, São Paulo, 1996.

CONDOMÍNIOS “Santa Virgília”, “Santa Rita” e “São Tomaz”. **Acrópole**, São Paulo, ano XIII, n. 147, p. 63-70, jul. 1950. Mensal. Disponível em: < <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/147/5>>. Acesso em: 26 abr. 2024.

EDIFÍCIO Anchieta. **Acrópole**, São Paulo, ano IV, n. 38, p. 78-79, jun. 1941a. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/38/42>. Acesso em: 04 set. 2024.

EDIFÍCIO Avanhadava. **Acrópole**, São Paulo, ano III, n. 26, p. 61-62, jun. 1940a. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/26/13>. Acesso em: 04 set. 2024.

EDIFÍCIO Brasiliana. **Acrópole**, São Paulo, ano III, n. 36, p. 427-430, abr. 1941b. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/36>. Acesso em: 04 set. 2024.

EDIFÍCIO Elza. **Acrópole**. São Paulo, ano V, n. 60, p. 433-436, abril. 1943. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/60>. Acesso em: 04 set. 2024.

EDIFÍCIO Marília. **Acrópole**, São Paulo, ano III, n. 34, p. 368-370, fev. 1941c. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/34>. Acesso em: 04 set. 2024.

EDIFÍCIO Novo Mundo. **Acrópole**, São Paulo, ano VIII, n. 88, p. 98-100, ago. 1945. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/88>. Acesso em: 04 set. 2024.

GOODWIN, Philip L. **Brazil builds**. Architecture old and new 1652/1942. New York: MOMA, 1943.

GORELIK, Adrián. **Das vanguardas a Brasília**: cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Arquitetura moderna e pós-moderna**. Novos Estudos, nº 18, Cebrap, 1987.

RESIDÊNCIAS econômicas construídas para a Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Sorocabana. **Acrópole**, São Paulo, ano I, n. 11, p. 41, mar. 1939. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/11/45>. Acesso em: 04 set. 2024.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: EDUSP, 1984.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Ed Cosac Naify, 2004.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

ZEVI, Bruno. **Historia de la arquitectura moderna**. Buenos Aires: Emece, 1954.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. **Dossiê Tombamento Museu Casa da Memória Italiana**. Ribeirão Preto: Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.casadamemoriaitaliana.com.br/wp-content/uploads/2022/01/DOSSIE.pdf>. Acesso em 04 set. 2024.